

O SENTIDO DE RENUNCIAR À BEBIDA PARA OS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS: UMA LEITURA LOGOTERAPÊUTICA

THE MEANING OF RENOUNCING DRINK FOR ALCOHOLICS ANONYMOUS: A LOGOTHERAPY READING

Dionete Maria Mendes Nogueira

Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros (MG)

Achilles Gonçalves Coelho Júnior

Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros (MG)

Resumo. Os Alcoólicos Anônimos (AA) visam à abstinência do álcool e a evitação do primeiro gole para manterem a sobriedade. Entretanto, deve haver um sentido na renúncia para que o alcoolista possa manter-se abstinente. Pesquisa qualitativa, cujo procedimento de coletas de dados deu-se através de entrevistas semiestruturadas. Participaram cinco membros de três grupos de AA de Montes Claros-MG. Empregou-se a análise fenomenológica para o tratamento dos dados, fundamentada em van der Leeuw, com o objetivo de analisar, à luz da Logoterapia, o sentido de renunciar à bebida a partir da vivência de comunidade entre os membros do AA. Os Alcoólicos Anônimos encontram na experiência de amor, na ajuda a outros alcoolistas e convivendo com o AA, o sentido para a renúncia.

Palavras-chave: Alcoólicos Anônimos; sentido da renúncia; logoterapia.

Abstract. Alcoholics Anonymous (AA) aim the total abstinence from alcohol and avoiding the first drink as a way to keep sobriety. However, there must be a meaning on the renouncing so that the alcoholic can remain abstinent. This is a qualitative research and the data collection procedure occurred through semi-structured interviews. The individuals interviewed were five members of three AA groups in Montes Claros-MG. The phenomenological method of data analysis, based on Van der Leeuw, was applied in order to analyze, in the light of Logotherapy, the meaning of renouncing alcohol from the experience of community among members of AA. Alcoholics Anonymous meet in the experience of love, helping other alcoholics and interacting with the AA, the meaning of renouncing drinking.

Keywords: Alcoholics Anonymous; meaning of renouncing; Logotherapy.

INTRODUÇÃO

O alcoolismo tornou-se, nos dias atuais, um grave problema social e de saúde pública, correspondendo a um fenômeno notoriamente debatido e amplamente difundido (Álvarez, 2007; Breese, Sinha & Heilig, 2011; Carlini, Galduróz, Nappo & Noto, 2002; Chagas, Hildebrandt, Leite, Stumm & Vianna, 2010; Chung & Maisto, 2006; Heilig, Egli, Crabbe & Becker, 2010; Lagercrantz, 2007; Moos & Moos, 2006; Neves, 2004; Pires & Schneider, 2013; Rigotto & Gomes, 2002; Silva Júnior, 2012; Sinha & Li, 2007). Entretanto, o alcoolismo não é um fenômeno exclusivo da contemporaneidade, vez que o homem conta com um histórico cultural que remete ao consumo de bebidas alcoólicas desde as mais remotas datas (Oga, Camargo & Batistuzzo, 2008) e, isto porque, segundo Martins e Corrêa (2004) citado por Pratta e Santos (2009), o homem sempre esteve à busca de modos para reduzir seu sofrimento e de ampliar o seu prazer.

Rigotto e Gomes (2002) enfatizam que “a breve revisão da literatura sustenta a afirmação de especialistas de que, na compreensão da dependência química, prevalecem as dúvidas sobre as certezas e as divergências se sobrepõem aos consensos” (p. 96). Lukas (1989/1992) enfatiza que a problemática do vício aparece tanto em boas ou más condições de vida e que, portanto, a situação de uma pessoa não pode ser considerada como determinante para o comportamento viciado. Nestes termos, é questão mais relevante compreender o que faz com que alguém

abandone o vício e nem tanto por que esse alguém se enveredou pelo comportamento viciado, vez que “não renunciamos a *alguma coisa* se não renunciássemos *por causa* de alguma coisa, e este “por causa de” comprova-se no *renunciar em favor de um sentido em que confiamos*” (Lukas, 1989/1992, p. 234, grifos da autora).

Viktor Emil Frankl (1974/2003, 1978/2005, 1946/2010, 1948/2011, 1969/2011a, 1945/2012), fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, denominada Logoterapia, afirma que a motivação primária na vida de uma pessoa é a busca por um sentido e que esse sentido é “único e irrepetível” para cada homem, em cada situação concreta, já que a realidade se mostra de maneira peculiar e particular a cada situação real. Sendo únicos e irrepetíveis, os significados devem ser procurados e descobertos por conta própria, encerrando, portanto, uma descoberta pessoal. Mas é justamente essa vontade de sentido, desejo fundamentalmente humano, que paradoxalmente, permanece insatisfeita em nossa sociedade, pois apesar de uma quantidade cada vez maior de pessoas possuir recursos para viver, elas não dispõem de “um sentido pelo qual viver”.

Contemporaneamente, o homem vive o momento cultural da redução do desprazer, de uma cultura mais “light”, numa sociedade que está o tempo todo apontando para formas de amenização da dor e incentivando a busca por sensações momentâneas e efêmeras. Nessa procura ávida pelo prazer imediato, ainda que fugaz, a fim de afastar ou esquecer uma situação

difícil ou um insucesso, Frankl (1978/2005) expõe que o homem pode procurar refúgio na embriaguez, por exemplo, preferindo a fuga da realidade ao invés de responder às questões da vida e de realizar os sentidos que a vida lhe apresenta, frustrando a vontade de sentido. Assim, o vazio existencial, traduzido em sentimentos de ausência de sentido, bem como da sensação de futilidade ou mesmo de absurdo e de inutilidade da vida, encontra-se em franco crescimento, podendo, inclusive, ser considerada uma “neurose de massa” – termo que segundo Frankl, diz respeito ao fenômeno do “vácuo existencial”, amplamente difundido no mundo inteiro, relacionado à sensação de falta de sentido que agora substitui os sentimentos de inferioridade e da frustração existencial que, atualmente, ocupa o lugar das frustrações sexuais em contraste com a época de Sigmund Freud. Nestes tempos em que “busca-se primeiro tudo o que satisfaça aos próprios desejos e expresse as próprias emoções”, ainda que isso importe no problema do vazio da vida humana (Giovanetti, 2012, p. 113), o homem pode encontrar no álcool um instrumento poderoso, pois se o mesmo traz em si a marca da desilusão e possui um estilo de vida atual evidenciado na busca de “sensações cada vez mais intensas”, o mesmo é ajudado e favorecido por um mercado que se organiza inteiramente no entorno da procura permanentemente insatisfeita (Bauman, 1998).

Segundo Frankl (1978/2005), a questão do alcoolismo pode, eficazmente, ser orientada a partir da Logoterapia, vez que, além de haver uma força terapêutica no sentido, a

sintomatologia do vazio existencial se expressa não somente na depressão e agressão, mas inclusive na toxicod dependência. Frankl relata, ainda, resultados de pesquisas científicas realizadas com alcoolistas que comprovam, estatisticamente, que a Logoterapia representa a possibilidade de um tratamento eficiente para a toxicod dependência.

A fim de se ajudarem, mutuamente, no enfrentamento da toxicod dependência, os Alcoólicos Anônimos (AA), intitulam-se como uma Irmandade de homens e mulheres voluntários, de todas as classes sociais que, admitindo serem impotentes perante o álcool, compartilham suas experiências, forças e esperanças, por acreditam que sozinhos não conseguem permanecer abstinências, em razão de já terem tentado, por si sós, a reabilitação sem lograrem êxito. Regem-se, principalmente, pelos Doze Passos, princípios através dos quais os membros de AA se recuperam, e pelas Doze Tradições, princípios que norteiam os meios pelos quais AA mantém sua unidade. Em seu programa, o grupo visa à abstinência total do álcool e a evitação do primeiro gole, a fim de manter a sobriedade a cada 24 horas (Alcoólicos Anônimos, 1939/2008, 1952/2011).

MÉTODO

Este estudo foi orientado através da pesquisa qualitativa e do método fenomenológico. A pesquisa qualitativa fenomenológica possibilita o encontro com os significados, que aparecem nas mais diversas maneiras da expressão humana, e que são atribuídos pelos próprios sujeitos que

vivenciaram os fenômenos (Kluth, 2011). Através da redução fenomenológica coloca-se, provisoriamente, entre parênteses, as elaborações que se fazem a partir da experiência imediata, a fim de revê-las depois, permitindo a compreensão das vivências para além dos sujeitos pesquisados (Amatuzzi, 2008).

Apresentamos, neste estudo, resultados parciais, a partir da análise da logoterapia, de pesquisa aprovada por Comitê de Ética, através do Parecer Consubstanciado nº 688.500, em data de 11.06.2014.

PARTICIPANTES

Através do método fenomenológico, o conhecimento não é definido de maneira prévia, mas através da manifestação do fenômeno experienciado. Assim, um pequeno número de sujeitos típicos mostra-se suficiente para contemplação de dado fenômeno, vez que a investigação busca alcançar aspectos que estejam relacionados com as vivências dos sujeitos (Barreira & Ranieri, 2013). Dessa maneira, para a correta adequação da amostra ao objeto de estudo utilizamos, para a seleção dos participantes, a amostragem não-probabilística por tipicidade ou intencional (Gil, 2008), que possibilitou a escolha de sujeitos típicos para compor uma unidade representativa de características indispensáveis à temática em estudo.

Participaram desta pesquisa cinco membros de Alcoólicos Anônimos, integrantes de três grupos de AA de Montes Claros-MG, os quais foram identificados, neste estudo, por nomes fictícios, a fim de guardar a real

identidade dos mesmos, sendo que todos eles se encontravam abstêmios quando da realização das entrevistas.

ANÁLISE DE DADOS

Empregou-se a análise fenomenológica para o tratamento dos dados, fundamentada nas atitudes interconexas propostas por van der Leeuw (1933/2009), a partir do relato das experiências vivenciadas pelos participantes, com o objetivo de analisar, à luz da Logoterapia, o sentido de renunciar à bebida a partir da vivência de comunidade entre os membros do AA.

Para tanto, realizamos a leitura compreensiva de cada entrevista e reunimos os conjuntos que continham o mesmo significado estruturante, nomeando-os. Procedemos na interpretação “do que se mostra” e assumindo uma atitude de epoché (redução fenomenológica) inserimos entre parênteses a facticidade, colocando-nos com compreensão ao lado do que se mostra para podermos olhar para o fenômeno sem pré-conceitos ou pré-juízos. Na elucidação, esboçamos as conexões de sentidos comuns presentes nas entrevistas, separando o que não era da mesma natureza, evidenciando, assim, as experiências-tipo. Na atitude de compreensão, buscamos aquilo que era específico das vivências experienciadas pelos participantes e na retificação confrontamos as experiências-tipo e a compreensão que depreendemos com os referenciais teóricos elegidos, o que possibilitou através do testemunho do que foi mostrado, o acesso à compreensão das vivências alheias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O exame cuidadoso das entrevistas possibilitou a apreensão de quatro categorias temáticas relevantes para analisar, à luz da Logoterapia, do sentido de renunciar à bebida a partir da vivência de comunidade entre os membros do AA. Após a nomeação/categorização inicial, as entrevistas foram confrontadas, com o objetivo de evidenciar o específico de cada uma e a frequência ou não da ocorrência do mesmo tema nas demais entrevistas. Do resultado dessa análise, sem elaboração prévia e, portanto, a partir da própria análise do sentido da elaboração do sujeito, identificamos as seguintes categorias: 1) Realização de sentido; 2) Vivência de experiência de amor; 3) Ajudar a outros alcoolistas; e 4) Um alcoolista entende melhor outro alcoolista.

REALIZAÇÃO DE SENTIDO

Os Alcoólicos Anônimos exigem um único requisito para que um alcoolista se torne membro de AA: o desejo de parar de beber. E para tanto, o primeiro passo que o mesmo deve dar, dentre os Dozes Passos, é admitir que é impotente perante o álcool. O objetivo central visado pelos membros de AA é a sobriedade, a qual pode ser alcançada evitando-se o primeiro gole (Alcoólicos Anônimos, 1939/2008, 1952/2011).

A primeira coisa que eu fiz foi me inscrever num curso, da área da saúde. É um curso que, ocupa o meu tempo e me faz sentir ocupado, fazendo alguma coisa útil e ao mesmo tempo eu

vou estar me abstendo do álcool. (...) Curso de Análise Clínica e já está no final. Eu aprendi muita coisa, talvez eu não trabalhe na área, mas o que eu aprendi vai servir para toda a minha vida. Inclusive, na área da saúde, a gente sabe o tanto que a bebida faz mal para o pâncreas, para o fígado e outros órgãos, porque realmente o mal é muito grande (Fábio).

Fábio queria parar de beber. Ingressou no AA e “primeira coisa” que ele fez foi começar a tomar decisões que o ajudaria a permanecer abstinido. Entendendo que o tempo livre favoreceria uma recaída no alcoolismo, Fábio escolheu fazer um curso que preencheria seu tempo. Mas ele compreendia que não poderia ser um curso qualquer. Teria que ser um curso que, além de o manter ocupado, realizasse um sentido para ele. Um curso na área da saúde serviria para lembrá-lo, todos os dias, dos malefícios do álcool. E assim, a cada 24 horas, ele podia retomar uma consciência acerca do objetivo de seu estudo. E, por mais que possa soar estranho que talvez ele “não trabalhe na área”, ele assim pode afirmar, porque ele não está à procura, primordialmente, do sucesso profissional. Fábio conhece o motivo pelo qual ele estuda e ele retoma esse motivo a cada novo dia e a motivação em busca de um sentido vai acontecendo. Ele se deixa mover por esse interesse, pela consciência de algo que é central na vida dele: a realização de sentido.

Holmes (1970) afirma que não há, em nossa sociedade, nenhum grupo que forneça um melhor laboratório para objetivos logoterápicos

que Alcoólicos Anônimos, vez que esse grupo demonstra uma preocupação fundamental por sentido, que é básica para o alcoolista e central para programa terapêutico de AA. O programa incentiva o alcoolista a aceitar sua condição e a sua realidade do jeito que elas são, a ele próprio como ele é e aos outros como eles são, o que favorece que o alcoolista se torne consciente de sua existência total e de que o seu problema com o álcool não é desvinculado de seus relacionamentos com os outros, consigo mesmo e com o mundo.

Fábio reconhece sua impotência perante o álcool, sabe-se alcoolista e entende que dentre suas possibilidades de escolha deixar de ser alcoolista não é uma delas. Diante de sua realidade, daquilo que lhe é dado, que é imutável – a carga hereditária do alcoolismo – e que lhe causa grande sofrimento, ele renuncia à bebida. Mas para posicionar-se, Fábio renuncia “em favor de um sentido” em que ele confia: ele “deve-ser” sóbrio porque sendo sóbrio ele responde à vida e se responsabiliza, pois ele escolhe cuidar de si para poder cuidar do outro, agindo em autotranscendência.

“(...) eu sei que eu preciso estar sóbrio para a minha família. Eu tenho uma filha de vinte anos, eu sei que eu tenho que estar bem com ela” (Fábio).

Escolher a sobriedade tem significado para Fábio, porque ele se sente livre ao escolher dentre as possibilidades de escolha que possui, aquela que é a melhor possibilidade: ele não pode deixar de ser um alcoolista, mas pode escolher não ser um bêbado, pois “em outras palavras, o que importa é tirar o melhor de cada

situação dada” (Frankl, 1945/2012, p. 161), vez que nem mesmo quando a bioquímica se baseia na hereditariedade, devemos considerar conclusões fatalísticas; a hereditariedade não pode determinar a vida de uma pessoa já que ela “é simplesmente o material com o qual o homem constrói a si mesmo. Não se trata senão de pedras que são rejeitadas e jogadas fora pelo construtor, ou não. Mas o construtor como tal não é feito de pedras” (Frankl, 1978/2005, p. 44).

Frankl (1946/2010) concebe o homem como “ser-responsável” porque o entende enquanto um “ser-livre” e, nesta linha de raciocínio, o homem é um ser que decide, que escolhe a cada momento, dentre as possibilidades reais, aquilo que lhe interessa. Assim, uma das premissas da concepção frankliana do homem é que o mesmo possui a capacidade de autodeterminar-se, e por isso, nem o passado, nem o biológico, nem a fatalidade e nem o determinismo abarca a totalidade da condição humana, pois se é certo que o homem não é “livre de” condicionamentos, também é certo que ele é “livre para” posicionar-se diante de qualquer circunstância. Dessa maneira, Peter (1999), em seus estudos sobre a antropologia como terapia em Viktor Frankl, assevera que o homem não se reduz apenas àquilo que ele é, mas abrange o que ele decide ser, pois o homem é também devir. Portanto, o fato de Fábio ser alcoolista não determina que o mesmo seja um bêbado e, sendo livre, ele toma a decisão de conduzir a sua existência pela sobriedade a despeito de qualquer circunstância biológica, psicológica ou social.

Bem é verdade que Fábio poderia escolher ser bêbado, mas quando ele escolhe renunciar à bebida, ele o faz por uma vontade de sentido.

Em suas análises, Coelho Júnior e Mahfoud (2001) explicam que a existência propriamente humana é a dimensão da vivência da liberdade e da responsabilidade, mas que essa responsabilidade não coincide com moralidade na aceção de o indivíduo estar em concordância com regras introjetadas. Ao contrário, a responsabilidade de realizar-se diz de uma capacidade da pessoa escolher livremente e de se posicionar diante das circunstâncias reais, isto é, liberdade para agir e realizar seu posicionamento no mundo.

Pereira (2007, 2008, 2013) entende que a maior consequência acarretada por um mundo que se fundamenta pelo sentido é a postura radical de afirmação da vida, ainda que a vida tenha o seu caráter de finitude e de sofrimento, pois o ponto radical é optar pela melhor possibilidade de cada situação dada, já que em cada situação real do homem, sempre haverá uma “resposta certa”; independente de qualquer situação, sempre haverá a possibilidade de se viver com sentido. Essa é a proposta logoterapêutica apresentada por Frankl (1974/2003, 1978/2005, 1946/2010, 1948/2011, 1969/2011a, 1045/2012) e que traz em seu bojo o reconhecimento de que o homem pode converter o seu sofrimento numa conquista, por meio da realização de ações livres e responsáveis, repletas de sentido.

VIVÊNCIA DE EXPERIÊNCIA DE AMOR

“Se eu continuo no alcoolismo (...) minha

esposa não estaria mais comigo. Eu senti isso também, que eu ia perder minha família. (...) Então, se eu tivesse naquele continuísmo, talvez eu não estivesse mais casado” (Paulo).

Paulo claramente revela que decidiu renunciar à bebida por amor à sua família. Ele acreditava que se continuasse bebendo “talvez não estivesse mais casado”. A experiência de amor que o mesmo vivenciou foi, por demais, significativa para sua existência e por isso ele não quer dispor dessa vivência. Motivando-se por esse valor vivencial, Paulo consegue realizar um sentido ao renunciar à bebida. Sacrifica-se, renunciando ao prazer imediato oferecido pela embriaguez, pelo amor ao outro e move-se por esse sentido, procurado e descoberto por ele próprio em sua realidade concreta. Esse sacrifício que Paulo escolhe fazer, por amor à família, é um sacrifício intencionalmente querido por ele, porque ele reconhece que tem um bom motivo para tanto, um significado para a sua existência: amar alguém.

Lukas (1989/1992) expõe que bom motivo é aquele que possui um sentido e que esteja dirigido para a realização de um valor no mundo externo. Frankl (1946/2010) salienta que o homem toma a suas decisões, para a realização de um sentido, a partir de valores e que há três categorias de valores: os valores criativos, que são realizados mediante um fazer, um ato criador; os valores vivenciais, que se realizam na experiência vital, ao acolher alguma coisa do mundo que traz um sentido para a vida; e os valores de atitude, que se relacionam com a atitude que se toma diante do sofrimento, quando se esgota a possibilidade da pessoa fazer

algo e quando ela já não consegue receber mais nada do meio, e ainda assim, ela encara esse sofrimento numa perspectiva de poder crescer com ele.

Em relação aos valores vivenciais, Frankl (1945/2012) explica que o “amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade”, de captá-lo naquilo que ele tem “de caráter único e irrepetível” (p. 136). Peter (1999) explica que esse aspecto de o homem orientar-se “primária e originariamente para o significado e para os valores” é um dos mais caros a Frankl, pois “o problema fundamental do homem é exatamente descobrir e realizar o significado da própria existência, por meio da realidade concreta da vida” e que, portanto, buscar significado constitui a busca de valor (p. 20). Noblejas de la Flor (1998) expõe, como resultado de sua pesquisa, que o vício encontra-se ligado a uma frustração existencial e que a remoção da drogadição relaciona-se a um aumento significativo do sentido da vida.

Paulo evidencia, através de sua narrativa, que se abstém do álcool pelo sentido que ele deseja realizar, orientado em direção ao mundo externo. Que a realização de um significado para a sua existência é que permite que o mesmo renuncie aos impulsos psíquicos que lhe trariam o prazer imediato, pois este carece de sentido e, portanto, de valor. Ele reconhece a urgência de seu querer, da importância original da vivência de uma experiência de amor e decide por autodistanciar-se de si próprio, dizendo não ao alcoolismo e autodeterminando-se na direção de um valor vivencial, a despeito da circunstância inevitável que lhe foi dada pela vida.

AJUDAR A OUTROS ALCOOLISTAS

O povo fala assim: Se você parou de beber, você precisa ir todo dia a Alcoólicos Anônimos? Eu respondo: Sim, parei de beber. Mas não curei; a minha doença não tem cura. Eu vou ali caçar fortaleza, eu vou ali ajudar outro que está chegando. Porque para parar de beber eu não preciso ir porque eu estou parada. Eu quero permanecer sóbria, essa força eu acho é ali (Maria).

Em sua entrevista, Maria fala, veementemente, da necessidade que um membro de AA tem em frequentar assiduamente as reuniões de partilha do grupo, pois eles participam porque encontram “fortaleza” para serem sóbrios, na convivência com o AA. Mas não se trata unicamente de frequentar o AA. O sentido que um membro de AA realiza, na convivência com a sua comunidade de referência, encontra-se firmemente sustentada na autotranscendência. Eles elegeram uma causa a qual se dedicar: ajudar aos alcoolistas que “estão chegando” e, que necessitam, com um dia eles necessitaram, de serem acolhidos em sua alteridade, compreendidos em suas dificuldades e fortalecidos em sua decisão de se manterem sóbrios.

Maria afirma que “lá que eu sei que eu parei, eu consegui foi lá”, evidenciando que é a partir da vivência de comunidade com os membros do AA, que conseguiu descobrir o sentido de renunciar à bebida, pois na comunidade, cada um deles vivencia uma experiência de “nós”, no presente vivido, ao partilharem uma história de vida, através do

fluxo do pensamento do outro, experiências que coincidem com as histórias de vida de todos os outros membros da comunidade.

“Quanto mais reuniões a gente frequenta, melhor é, né, porque isso vai reforçando a gente” (Fábio).

Se identificando nas dificuldades análogas de enfrentamento no alcoolismo e em busca da sobriedade, enquanto objetivo comum a ser alcançado, os membros de AA se comprometem ao chamado da comunidade e se auxiliam reciprocamente na manutenção da sobriedade. Dessa maneira, a “comunidade não é observada no seu aspecto objetivo como forma social, mas é olhada por dentro, ou seja, a partir daqueles aspectos constitutivos formados pelas experiências de seus membros”, vez que a “vivência comunitária implica um reconhecimento de uma experiência de “nós”, uma experiência de pertença” (Coelho Júnior, 2006, p. 66).

Schutz (1970/2012) explica que uma pessoa pode experienciar tanto os atos como os pensamentos do outro, na simultaneidade vivida, a qual retrata a dimensão genuína do “nós”, vez que cada um pode experienciar, de maneira recíproca, os pensamentos e os atos uns dos outros em sua realização vivida no presente. É exatamente nessa dimensão que os membros de AA ajudam a outros alcoolistas que chegam ao grupo e são ajudados como efeito colateral do sentido encontrado na renúncia à bebida alcoólica, vez que estar sóbrio para ajudar aos outros, dedicando-se a esta causa, diz do movimento de autotranscendência que afirma o

sentido “para que” o membro de AA renuncia à bebida. Ele se responsabiliza pela sua sobriedade e ao mesmo tempo se autorrealiza ao comprometer-se à causa de ajudar outras pessoas que passam pelo mesmo problema de toxicod dependência que ele. Ao partilharem suas experiências e se reconhecerem nas histórias de vida de cada um, os membros de AA encontram em sua comunidade de referência, a “fortaleza” que confere sentido à renúncia ao álcool, vez que se autorrealizam ao ajudarem outros alcoolistas a permanecerem sóbrios.

“(...) sempre nas minhas orações, eu não peço só para mim. Eu peço para aqueles que estão lá fora, que precisam dessa mudança” (Maria).

Frankl (1974/2003, 1978/2005, 1946/2010, 1948/2011, 1969/2011a, 1945/2012) chamou de autotranscendência, a característica constitutiva da experiência humana, de o homem sempre se direcionar para algo ou para alguém diferente de si próprio. Dessa maneira, a autorrealização “só é possível como um efeito colateral da autotranscendência” e essa afirmação se sustenta no fato de que “quanto mais a pessoa esquecer de si mesma – dedicando-se a servir a uma causa ou a amar outra pessoa –, mais humana será e mais se realizará” (Frankl, 1945/2012, p. 135). Kroeff (2011) enfatiza que quando a pessoa não realiza o sentido da vida, pode experimentar um vazio existencial, vez que a mesma, enquanto ser livre e possuidora da capacidade de consciência dessa sua liberdade e de agir com responsabilidade frente sua existência, motiva-se pelo que considera como sendo os sentidos de sua existência.

Assim, o membro de AA ao escolher, livremente, engajar-se à causa de ajudar a outros alcoolistas, realiza uma possibilidade que considera de extremo significado para ele, dentre as possibilidades que existem de realizar sentido em sua vida. Frankl (1969/2011a) expõe que o terceiro princípio da logoterapia acompanhado da liberdade de sentido e da vontade de sentido, é o sentido da vida, vez que o argumento sustentado pela Logoterapia “é o de que há um sentido para vida – isto é, um sentido pelo qual o homem sempre esteve a buscar” e que o homem é livre para o engajamento, ou não, na realização desse sentido (p. 89). Xausa (2013) explica que a “novidade de Frankl está na realização do homem pela autotranscendência, em busca de um sentido da vida” e essa se dá através da consciência, que não se direciona a si mesma, “mas vai além da pessoa” em busca de “uma experiência de comunicação que culmina na comunhão”, vez que a pessoa se direciona para o outro (p. 147). O membro de AA encontra sentido para renunciar à bebida ao distanciar-se de si mesmo e direcionar-se a outros alcoolistas, visando auxiliá-los na manutenção da sobriedade, isto é, ajudando ao outro naquilo que ele considera que é mais significativo em sua vida.

UM ALCOOLISTA ENTENDE MELHOR OUTRO ALCOOLISTA

Antes de ingressar na comunidade de AA, conta Mário, que ele vivenciou experiências extremamente difíceis em relação ao alcoolismo, pois bebia tão exageradamente, que com o passar do tempo não conseguia mais andar. Ele relata que a vida não tinha nenhum sentido para ele e

por isso ele “já tinha perdido a graça de viver, a vontade de viver”, até que ele foi tocado pela tristeza dos pais: “eu senti a tristeza de pai e mãe. (...) E só triste, só triste”. Mas Mário não queria que os pais fossem tristes por sua causa e decidiu renunciar à bebida para trazer alegria aos pais. Mário descobriu um sentido na vida dele e por esse sentido ele seria capaz de tornar-se sóbrio. Decide cuidar da vontade de não beber e começa a frequentar o AA. Ele reconhece que necessita de ajuda para cuidar de si e procura por aqueles que já passaram por experiências semelhantes às suas. Mário entende que no AA ele conseguirá renunciar à bebida porque no seu grupo de referência ele realiza, concretamente, o sentido para a sua existência. Ele reconhece que por esse sentido pode enfrentar as todas as dificuldades que a abstinência impõe a ele e esse reconhecimento mobiliza sua dinâmica interna, permitindo a atualização de suas potencialidades.

Mário já havia sido internado diversas vezes e passado por clínicas de reabilitação, mas somente no AA ele era compreendido e aceito. Ele estava convivendo em uma comunidade de iguais, na qual um membro entendia perfeitamente outro membro, porque tinham uma história de embriaguez tão parecida, que parecia ser uma mesma história: “a gente fala que as histórias das pessoas que bebem, realmente, são parecidíssimas”, afirma Fábio. Além disso, partilham juntos, a esperança de serem sóbrios e se lançam “com” e “por” outros alcoolistas, na realização de sentido para suas vidas. É justamente por isso tudo que “um alcoólatra entende o outro alcoólatra” melhor do que

qualquer outra pessoa, diz Paulo.

Fábio complementa essa afirmação relatando que “no AA não existe classe social, não existe religião, sexo ou qualquer coisa, assim desse tipo, que possa discriminar. Todos nós somos iguais dentro de Alcoólicos Anônimos” e, sendo iguais, eles se conhecem e se reconhecessem um ao outro e, em especial, no tocante a dois tipos de experiências: de frustração existencial e de sofrimento.

“Foi um vazio que eu achei que ia resolver na bebida, entendeu?” (Maria).

“Daí pra cá foi o sofrimento. Dias, meses, sem tomar banho. E saía engatinhando e ia sentar lá fora com a cachaça. (...) eu já tinha perdido a graça de viver, a vontade de viver” (Mário).

Em seus estudos, Frankl (1945/2012) afirma que é possível encontrar sentido na vida, também, numa fatalidade que pode não ser modificada, em situações sem esperança alguma, vez que o importante “é dar testemunho do potencial especificamente humano”, naquilo que o homem “tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana” (p. 136). E isto porque quando o homem não consegue mudar uma situação, ele é provocado e convocado pela vida para responder com a mudança de si mesmo. O alcoolista carrega consigo a herança biológica de sua doença, mas ele pode renunciar à bebida e deixar de ser um bêbado, apresentando outra atitude diante de seu destino que não pode ser alterado, atitude essa que represente um sentido em seu sofrimento.

Todos os membros de AA, participantes deste estudo, reconhecem que a partir do sofrimento no alcoolismo conseguiram apreender que poderiam mudar de atitude e fazer da sua condição de alcoolista um motivo para irem à busca de um sentido para suas vidas. A renúncia à bebida foi a maneira encontrada de realizar a “melhor possibilidade” dentre todas as possíveis. Encontrar um sentido para essa renúncia os colocou diante de seu sentido na vida: alguém a amar, uma causa à qual se dedicar, um trabalho a realizar, um Deus a servir. Exatamente aquilo que fosse mais significativo para cada um dentro de sua situação particular e única: “AA para mim é praticamente toda a minha vida (...) porque aqui eu, realmente, encontrei felicidade” (Fábio).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa terapêutico de AA demonstra ser eficaz para o enfrentamento do alcoolismo para alguns alcoolistas. Mas o comprometimento e a implicação com o processo de abstinência é de inteira responsabilidade do alcoolista. Mesmo não podendo modificar o seu destino em relação ao condicionamento biológico que lhe foi dado, o alcoolista é livre para renunciar à bebida. Os membros de AA encontram o sentido de renunciar à bebida a partir da vivência de comunidade entre eles, pois reconhecendo-se como iguais, partilham experiências, forças e esperanças que servem como se uma mesma experiência fosse vivenciada por todo o grupo de Alcoólicos Anônimos.

Compartilhando esse reconhecimento e

reconstruindo suas vivências no alcoolismo, um membro de AA, apoia e complementa a experiência do outro que vivenciou semelhante história de vida. O convívio com o AA serve de esteio para o alcoolista na manutenção da sobriedade, pois ao partilhar suas experiências, o mesmo descobre um sentido para a sua vida e essa descoberta favorece que o alcoolista continue partilhando suas experiências no grupo

e motivando-se, a cada 24 horas, para ser e ajudar outros alcoolistas a serem sóbrios, dando testemunho, portanto, de sua potencialidade humana de fazer do sofrimento um triunfo e de encontrar na renúncia à bebida um sentido para sua vida.

REFERÊNCIAS

- Alcoólicos Anônimos. (2008). Alcoólicos Anônimos (4th ed.). São Paulo, SP: JUNAAB. (Trabalho original publicado em 1939).
- Alcoólicos Anônimos. (2011). Os doze passos e as doze tradições. São Paulo, SP: JUNAAB. (Trabalho original publicado em 1952).
- Álvarez, A. M. A. (2007). Fatores de risco que favorecem a recaída no alcoolismo. *J Bras. Psiquiatr*, 56(3), 188-193. Recuperado em 15 de fevereiro de 2013, da SciELO (Scientific Electronic Library Online): <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v56n3/a06v56n3.pdf>
- Amatuzzi, M. M. (2008). *Por uma psicologia humana* (2. ed.). São Paulo, SP: Alínea.
- Barreira, C. R. A., & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In: Mahfoud, M; Massimi, M. (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 449-466). Belo Horizonte, MG: Artesã.
- Bauman, Z. (1998). O mal-estar da pós-modernidade [Versão digital em Adobe Reader]. Recuperado em 06 de abril de 2014 de http://minhateca.com.br/fezhiii/O+mal+estar+da+p*c3*b3s+modernidade+-+Zygmunt+Bauman,243794.pdf
- Breese, G. R., Sinha, R., & Heilig, M. (2011). Chronic alcohol neuroadaptation and stress contribute to susceptibility for alcohol craving and relapse. *Pharmacol Ther*, 129(2), 149-171. Recuperado em 25 de abril de 2013, de: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal>
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C. F., Nappo, S. A., & Noto, A. R. (2002). I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país - 2001. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre drogas psicotrópicas. UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. Recuperado em 10 de fevereiro de 2013, de: <http://nute.ufsc.br/bibliotecas/upload/ildomiciliarusodrogaspsicotropicas.pdf>
- Chagas, M., Hildebrandt, L. M., Leite, M. T., Stumm, E. M. F., & Vianna, R. M. (2010). O alcoolismo e o

- grupo de alcoólicos anônimos: o conhecimento de alcoolistas. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 2, 190–212.
- Chung, T., & Maisto, S. A. (2006). Relapse to alcohol and other drug use in treated adolescents: review and reconsideration of relapse as a change point in clinical course. *Clinical Psychological Review*, 26, 149-161.
- Coelho Júnior, A. G., & Mahfoud, M. (2001). As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicoogia. USP*, 12(2), 95-103.
- Coelho Júnior, A. G. (2006). As especificidades da comunidade religiosa: pessoa e comunidade na obra de Edith Stein. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Frankl, E. V. (2003). *Sede de sentido* (3 Aufl., H. Elfes, trad.). São Paulo, SP: Quadrante. (Trabalho original publicado em 1974).
- Frankl, E. V. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo* (17 Aufl., V. H. S. Lapenta, trad.). Aparecida, SP: Ideias & Letras. (Trabalho original publicado em 1978).
- Frankl, E. V. (2010). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamento da logoterapia e análise existencial* (5 Aufl., A. M. de Castro, trad.). São Paulo, SP: Quadrante. (Trabalho original publicado em 1946).
- Frankl, E. V. (2011). *A presença ignorada de Deus* (13 Aufl., rev., W. O. Schlupp & H. H. Reinhold, trad.). São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1948).
- Frankl, E. V. (2011a). *A vontade sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia* (I. S. Pereira, trad.). São Paulo, SP: Paulus. (Trabalho original publicado em 1969).
- Frankl, E. V. (2012). *Em busca de um sentido: um psicólogo no campo de concentração* (32 Aufl., rev., W. O. Schlupp & C. C. Aveline, trad.). São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1945).
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo: Atlas.
- Giovanetti, J. P. (2012). *Psicoterapia fenomenológico-existencial: fundamentos filosófico-antropológicos*. Belo Horizonte, MG: FEAD.
- Heilig, M., Egli, M., Crabbe, J. C., & Becker, H. C. (2010). Acute withdrawal, protracted abstinence and negative affect in alcoholism: are they linked? *Viciado Biol*, 15(2), 169-84. Recuperado em 25 de abril de 2013, de: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20148778>
- Holmes, R. M. (1970). Alcoholics Anonymous as group logotherapy. *Pastoral Psychology*, 21(3), 30-36.
- Kluth, V. S. (2011). A rede de significações: um pensar metodológico de pesquisa. In Bicudo, M. A. V. (Org.). *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica* (pp. 75-98). São Paulo, SP: Cortez.
- Kroef, P. (2011). Logoterapia: uma visão da psicoterapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(1), 68-74.
- Lagercrantz, L. N. (2007). *A experiência religiosa no grupo dos Alcoólicos Anônimos*. Monografia, Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF. Recuperado em 09 de fevereiro de 2013, de: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream.pdf>

- Lukas, E. (1992). *Prevenção psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia*. (C. A. Pereira, trad.). São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1989).
- Moos, R. H., & Moos, B. S. (2006). Rates and predictors of relapse after natural and treated remission from alcohol use disorders. *Addiction*, 101(2), 212–222.
- Neves, D. P. (2004). Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? *Caderno de Saúde Pública*, 20(1), 7-36.
- Noblejas de la Flor, M.A. (1998). Evaluación de los abandonos en las primeras fases de un programa de tratamiento de drogadicción. *NOUS: Boletín de Logoterapia y Análisis Existencial*, 2, 73-79.
- Oga, S., Camargo, M. M. A., & Batistuzzo, J. A. O. (2008). *Fundamentos de Toxicologia* (3a ed.). São Paulo, SP: Atheneu.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2009). O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 203-211.
- Pereira, I. S. (2007). A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 18(1), 125-136.
- Pereira, I. S. (2008). Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl. *PSICO*, 39(2), 159-165.
- Pereira, I. S. (2013). *A ética do sentido da vida: fundamentos filosóficos da logoterapia*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- Peter, R. (1999). *Viktor Frankl: a antropologia como terapia* (T. C. Stummer, trad.). São Paulo, SP: Paulus.
- Pires, F. B., & Schneider, D. R. (2013). Projetos de vida e recaídas em pacientes alcoolistas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(1), 21-37.
- Rigotto, S. D., & Gomes, W. B. (2002). Contextos de abstinência e de recaída na recuperação da dependência química. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 18(1), 095-106.
- Silva Júnior, I. A. (2012). *O ser alcoolista: estudo compreensivo à luz da análise existencial*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.
- Sinha, R., & Li, C. S. (2007). Imaging stress- and cue-induced drug and alcohol craving: association with relapse and clinical implications. *Drug Alcohol Review* 26(1), 25-31.
- Schutz, A. (2012). *Sobre fenomenologia e relações sociais* (R. Weiss, trad., H. T. R. Wagner (Org.)). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1970).
- van der Leeuw, G. (2009). A religião em sua essência e suas manifestações: fenomenologia da religião, epílogo. *Revista Abordagem Gestalt*, 15(2), 179-183.
- Xausa, I. A. M. (2013). *A psicologia do sentido da vida* (2ª ed.). São Paulo, SP: Vide Editorial.

Enviado em: 21/03/2015

Aceito em: 25/10/2015

SOBRE OS AUTORES

Dionete Maria Mendes Nogueira. Possui graduação em Direito pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES (1996). Graduada em Psicologia pelas Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros - Minas Gerais.

Achilles Gonçalves Coelho Júnior. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Psicologia na FFCLRP-USP. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000) e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006). Atualmente é professor das Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros.